

USO DE EUCALIPTO PARA RESTAURAR A MATA NATIVA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

A destruição das matas nativas em grande escala provoca, entre outras conseqüências negativas uma crescente "erosão genética" dos recursos de flora e fauna (inclusive a extinção de numerosas espécies endêmicas) e, por outro lado, uma grave ameaça sobre a qualidade e volume das nossas reservas de água para consumo humano.

Devemos, portanto, planejar e executar programas de reflorestamento, de forma centrífuga, no entorno dos remanescentes florestais. Mas como fazer isso, sabendo que os recursos disponíveis para alcançar este grande objetivo são muito limitados? Os donos de propriedades rurais são, na sua grande maioria, pecuaristas descapitalizados. E do lado governo, tanto estadual como federal, os recursos disponíveis são insuficientes para sustentar programas de reflorestamento convencionais.

Uma solução poderia ser delineada a partir de observações de campo, feitas em eucaliptais plantados há mais ou menos 20 – 25 anos em contato com remanescentes da Mata Atlântica na Região Serrana, no Estado do Rio de Janeiro. Esses eucaliptais, quando não submetidos a limpezas mediante eliminação repetitiva da vegetação que surge como cobertura do solo, apresentam hoje sub-bosques formados exclusiva - ou quase que exclusivamente por espécies nativas arbustivas e arbóreas. Localmente, são poucos os eucaliptos que ainda permanecem e todos são localizados no dossel emergente. Retirando esses velhos eucaliptos mediante exploração comercial, deixaria em pé um povoamento com características de floresta nativa em fase de amadurecimento.

A invasão desses eucaliptais por espécies nativas deve-se à ocorrência de um desbaste natural conduzindo a uma abertura progressiva, porém lenta, do dossel. Se esses povoamentos tivessem sido submetidos a um regime racional de desbastes, a conversão desses eucaliptais em florestas nativas teria sido mais rápida!

Essas observações de campo deveriam ser aproveitadas para montar uma estratégia capaz de promover **a baixo custo** uma expansão territorial dos remanescentes da Mata Atlântica.

Os elementos-base desta estratégia seriam, principalmente:

- A. Planejar, no processo de expansão lateral dos remanescentes florestais, duas etapas:
 - Um reflorestamento de transição preenchendo a função de abrigo favorável à invasão por espécies nativas. O reflorestamento de transição preencheria o que se chama, em inglês de "nurse-stand" (literalmente: "povoamento-baba"!). O povoamento de transição deve ser constituído por espécies pioneiras, de crescimento rápido e preferencialmente perenifólias. Um problema enfrentado é o fato que a grande maioria das pioneiras nativas de crescimento rápido são caducifólias. Daí a sugestão de se utilizar uma mistura de nativas e de exóticas perenifólias "não invasoras". Por exemplo *Eucalyptus saligna*, *E. camaldulensis* e outras espécies de eucalipto produzindo sementes minúsculas: *E. citriodora*, que produz sementes de tamanho já maior não é recomendado. Diversas espécies do gênero exótico *Acacia* (por exemplo: *Acacia mangium*) apresentam o risco de se tornarem "invasoras".
 - O povoamento de transição será submetido a um regime racional de desbaste retirando principalmente as espécies exóticas. O segundo desbaste e os seguintes bem como o corte final das exóticas deveriam gerar uma renda capaz de incentivar os donos das terras.

B. É essencial financiar ou promover estudos e pesquisas possibilitando uma escolha judiciousa das espécies pioneiras de crescimento rápido capazes de assegurar a formação dos povoamentos de transição.

Ampliando os espaços ocupados por remanescentes da Mata Atlântica além de revalorizar paisagens hoje cobertas por pastagens “monótonas” contribuiria, também, na urgente tarefa de salvar nossos recursos hídricos e a qualidade da água que bebemos!

Fonte: *In* Dubois J.C.L, 2001. **Como reverter o quadro atual de degradação das zonas rurais no Estado do Rio de Janeiro** – Palestra proferida na Universidade Federal Fluminense, 21.06.2001
